

O TEXTO LITERÁRIO DIGITAL: EXPERIÊNCIAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA*

Adair de Aguiar Neitzel*
Janete Bridon*
Luiz Carlos Neitzel*
Maria de Fátima Tonin Lunardi*

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de duas pesquisas realizadas em escolas públicas de ensino médio de Santa Catarina, ambas com o objetivo de analisar se esses jovens eram leitores de textos literários disponíveis em meio digital, especialmente os textos que faziam parte dos acervos das bibliotecas digitais, para identificar qual a concepção de poesia desses estudantes antes e depois de terem contato com a poesia eletrônica, e qual a relação que eles estabeleceram com a literatura quando esta lhes foi apresentada por meio do computador. A primeira pesquisa foi realizada com 23 estudantes do terceiro ano de uma escola estadual de Barra Velha. A coleta de dados aconteceu em oito encontros de 50 minutos e culminou com um *Chat* entre os sujeitos de pesquisa e pesquisadores de instituições parceiras. A segunda pesquisa envolveu um grupo de onze alunos do terceiro ano de uma escola estadual de Itajaí. A coleta de dados deu-se por meio de memoriais produzidos pelos sujeitos após vivências com a poesia impressa, visual e eletrônica. Utilizou-se a análise de conteúdo de forma a identificar o repertório dos alunos, suas práticas leitoras e como eles se relacionaram com o texto literário disponível em meio digital. As pesquisas indicaram que essas foram as primeiras oportunidades de leitura de poesias visuais ou eletrônicas para 100% dos participantes. Além disso, pelas suas raras experiências de leitura em meio impresso, nenhum deles foi considerado leitor, apontando para a necessidade de se ampliar programas de formação de leitores também no ensino médio.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia eletrônica. Poesia visual. Leitura. Literatura. Formação de leitores.

Na arte da eloquência da atualidade acentua-se uma reação poderosa contra o metro clássico; a crítica espera que dentro de alguns anos o metro convencional e postigo terá desaparecido das oficinas da literatura. O sentimento encarna-se na eloquência, livre como a nudez dos gladiadores e poderoso. O estilo derribou o verso. As estrofes medem-se pelos fôlegos do espírito, não com o polegar da Gramática. (POMPÉIA, 1995, p. 93).

* As pesquisas apresentadas neste artigo tiveram financiamento da FAPESC/CNPQ por meio do edital PRONEX/002/2007 e do PIBIC/CNPQ/UNIVALI.

* Universidade do Vale do Itajaí. Imeio: neitzel@univali.br.

* Universidade do Vale do Itajaí. Imeio: jbridon@terra.com.br.

* Gerência de Educação de Joinville, SC/SED/ NTE de Joinville. Imeio: luizneitzel@gmail.com.

* Universidade do Vale do Itajaí. Imeio: fatima_lunardi@hotmail.com.



Esta obra foi licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Dr. Claudio, personagem de *O ateneu* de Raul Pompéia, escrito no século XIX, discute sobre o destino da poesia, e, ao fazê-lo, escreve a profecia de que haverá o dia em que o verso estará livre do metro convencional e da gramática, sobrevivendo, então, um estilo mais livre. Ao longo dos séculos seguintes, a profecia concretiza-se com o verso livre, a poesia concreta, a poesia visual e em meio eletrônico, dentre outras. Não apenas a poesia toma uma nova forma, mas o romance também se liberta de alguns liames estruturais na forma de romance hipertextual, ambos convidando o leitor a leituras que não esgotam seu sentido, mas o extravasa por meio de um texto plural.

Muitas foram as obras que colaboraram para o processo de abertura e popularização dessa outra forma de fazer literatura. Neste artigo, queremos discutir as características desses textos disponíveis em bibliotecas digitais e o processo de recepção literária por meio do aparato computador. Ele apresenta os resultados de duas pesquisas realizadas com alunos da terceira série do ensino médio, sendo um grupo de uma escola estadual de Barra Velha, SC, Brasil, e outro de uma escola estadual de Itajaí, SC, Brasil. As pesquisas tiveram como objetivo identificar se esses jovens são leitores de textos literários disponíveis em meio digital, especialmente os textos que fazem parte dos acervos das bibliotecas digitais.

Com o primeiro grupo, partimos da leitura de textos disponíveis no *site* do Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL - www.nupill.org) para testar algumas possibilidades de leitura e o uso desse *site* como estratégia para o ensino da literatura no Ensino Médio. A biblioteca digital do NUPILL possui, na atualidade, em seu acervo, 3.387 obras digitalizadas, e, em seu banco de dados, mais de 74.000 documentos e por volta de dezessete mil autores cadastrados - brasileiros e portugueses -, incluindo, também, dados sobre eles e seus respectivos autores, cânones da literatura.

Esse processo aconteceu em oito encontros de 50 minutos e culminou com um *Chat* entre os 23 alunos da terceira série da Escola de Educação Básica (sendo

estes os sujeitos da pesquisa) e pesquisadores das universidades UFSC, UNIVALI, UNIVILLE, NTE - Núcleo de Tecnologia Educacional da Gerencia Regional de Educação de Joinville, SC -, bem como três alunos da Escola de Educação Básica Alexandre Guilherme Figueredo de Balneário Piçarras/SC. Esse *Chat* constituiu-se no instrumento de coleta de dados e, por meio dele, procuramos identificar o repertório dos alunos, suas práticas leitoras e, em especial, como eles se relacionam com o texto literário disponível em meio digital.

Com o segundo grupo, partimos de dinâmicas que envolvessem os adolescentes com a leitura de poemas em meio impresso e eletrônico. Ao lidar com essas duas modalidades de poemas, eletrônicos e impressos, seria inevitável que os alunos construíssem, mesmo sem se darem conta, parâmetros que os levassem a divisar as diferenças entre essas formas de fazer poesia.

O grupo de adolescentes constituiu-se de dezessete alunos do terceiro ano do Ensino Médio da Escola Básica Victor Meirelles da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, no município de Itajaí, dos quais onze concluíram todas as etapas da pesquisa, as quais envolveram: a) resposta a um questionário para levantamento do perfil socioeconômico e cultural dos alunos; b) vivência estética com o grupo X – contadores de histórias da Universidade X[†]-, momento em que os alunos tiveram a oportunidade de participar na universidade de um sarau literário intitulado *Poesias Cotidianas*; c) vivência estética com o grupo X, nas dependências da escola onde estudam, apreciando o mesmo sarau literário apresentado na universidade; d) oficina literária com dinâmicas variadas de leitura nas dependências da escola onde estudam, explorando o espaço cênico da sala de aula e as poesias que foram utilizadas no sarau literário; e) leitura na sala informatizada de poesias eletrônicas, visuais e concretas, acompanhada de intervenções a respeito desse gênero textual.

[†] Projeto de extensão da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), uma das ações do PROLER Univali, e tem como objetivo “Promover o texto literário em ambientes educativos formais e não formais por meio de contações de histórias, recitais literários, oficinas e rodas de leitura para possibilitar o acesso do cidadão em formação ao livro”.

Após as vivências com a leitura de poemas impressos e eletrônicos, os alunos participantes relataram suas reflexões acerca dessas experiências literárias em memoriais. Estes nos permitiram conhecer a relação estética que os alunos estabeleceram com a poesia: impressões, sentimentos, percepções, críticas e sugestões.

Assim, a coleta de dados deu-se no primeiro grupo por meio do *chat* e no segundo grupo por meio de depoimentos. A metodologia diferenciada teve o intuito de propormos duas formas distintas de coleta de dados para percebermos melhor como se dá a interação entre os jovens e o texto literário quando ele está disponível no meio digital.

O texto digital, de um lado, compõe-se por meio de um sistema simbólico de representação comum ao meio impresso, que são os sinais gráficos. De outro lado, esse mesmo sistema simbólico propaga-se por meio de máquinas que possuem ferramentas de leitura pouco usuais aos leitores de livros impressos, peculiaridades dos textos digitais, tais como barras de rolagem, dicionários, localizador de palavras, aumento ou diminuição do tamanho de letra, dentre outras. Evidentemente que há literariedades que distinguem um texto digital de um texto impresso. Antonio (2008) conceitua texto eletrônico como “[...] aquele que passa a existir nos meios eletrônicos, em distinção ao texto dos meios impressos, e também pode ser denominado de **cibertexto**” (ANTONIO, 2008, p. 147, grifo nosso). Este pode se apresentar como um arquivo *Word for Windows* ou em um *Adobe Acrobat Reader*, isento de *hiperlinks*, assemelhando-se a um texto impresso. Para o autor, mesmo que ele assim se apresente, sem remeter a outras páginas eletrônicas, “[...] tem características especiais e diferenciadoras, especialmente quanto a formas de arquivo e de disponibilidade, se comparado ao texto impresso” (ANTONIO, 2008, p. 147).

Além de sua construção e veiculação utilizar-se de novos aparatos, sua recepção também se dá de forma diferenciada, exigindo outras percepções sensoriais do

leitor. Não há como negar que o aparato textual influencia na recepção da obra, principalmente quando estamos nos referindo a manifestações artísticas, como é o caso da literatura. Sua apreensão de sentido envolve uma série de ritmos visuais, sonoros, estruturais, dentre outros. No entanto, ela exige, também, uma relação estética, tal qual a poesia verbal e impressa.

Ler uma tecnopoesia em qualquer meio é uma atividade semelhante a de abrir um livro e ler uma poesia verbal, ver uma poesia visual, ouvir uma poesia sonora, assistir a uma poesia performática, visitar uma instalação poética, acessar uma poesia eletrônica. Em todos esses procedimentos predomina uma atividade comum: a poesia. Independente do suporte, há a leitura da poesia, não importa de qual tipo seja. A palavra poética está presente em toda tecnopoesia e determina uma configuração espacial, básica, formadora. (ANTONIO, 2008, p. 38).

Neitzel (2009, p. 166) afirma: “Diante da tela do computador, nossa bagagem de leitores do hipertexto impresso (e não necessariamente de todo e qualquer escrito) pode facilitar nossa ação de navegação diante do écran”. Nessa lógica, o leitor - que se debruça sobre romances como *O Dicionário Kazar* de Milorád Pávich e *O jogo da amarelinha* de Julio Cortázar, que o provocam a efetuar constantemente escolhas, as quais podem ser substituídas em uma nova leitura que é sempre ruminante - estaria familiarizado com a dinâmica dos hipertextos e, mais facilmente, dedicar-se-ia a práticas leitoras no computador.

Ao explorarmos os novos gêneros literários que surgiram com a informática, tais como a poesia eletrônica, narrativas hipertextuais, experiências textuais combinatórias, dentre outras, podemos conquistar aqueles que ainda não são leitores, pois a leitura em meio informatizado ainda é pouco explorada no ambiente escolar, configurando-se como uma novidade. Além disso, o computador pode apresentar-se mais atrativo em alguns aspectos, principalmente para o jovem de hoje que possui um perfil diferente do jovem do século passado, como constatamos nesta pesquisa no decorrer do *chat*. Durante os encontros na sala informatizada, os alunos mostraram-se muito instigados pela poesia visual e eletrônica. Nenhum deles havia tido contato com a poesia eletrônica, nem tinham experienciado práticas leitoras de poemas visuais.

Se o poema em meio eletrônico necessita do computador para ter existência, o visual caracteriza-se por reconhecer a imagem como entidade universal e dela fazer uso indiscriminadamente, a ponto de ser reconhecido como objeto visual. “A palavra, no caso, é muito bem explorada e colocada, compondo um todo harmônico capaz de permitir ao “Vleitor” - aquele que lê e vê ou só vê - uma infinidade de leituras, de acordo com o nível do seu conhecimento, experiência de mundo, cultura e escolaridade” (PONTES, 2007, p. 20). Ao conceituar assim o poema visual, Pontes enfatiza a visualidade do texto e como esta possibilita que a obra seja lida e relida por vários vieses interpretativos. O leitor diante do texto visual mantém-se em derivas interpretativas, pois a quase ausência de construções sintáticas ampliam as possibilidades de sentido do texto. Uma vez no meio digital, há a transformação de linguagens não verbais em linguagens verbo-visuais, verbo sonoras e visual sonoras, como afirma Antonio (2008, p. 47).

A poesia visual antecede a poesia em meio eletrônico, mas, hoje, ambas partilham o mesmo espaço. Por meio do site de Capparelli (www.capparelli.com.br), podemos ampliar nossa compreensão acerca dos limites entre a poesia visual e a eletrônica. Em um *link*, o poeta apresenta poemas visuais, e, em outro, os mesmos poemas são disponibilizados como ciberpoemas. Nesse caso, surgem com som e movimento, reforçando o conceito de que a poesia eletrônica faz uso dos recursos computacionais que a distinguem da poesia visual. Dessa forma, a distinção entre ambos os objetos artísticos digitais é o fato de que os ciberpoemas fazem uso de recursos e potencialidades do meio digital.

O contato com poesias em meio digital, sejam elas visuais ou eletrônicas, permitem ao leitor construir uma relação frutiva com a literatura, pois sua exploração espacial e imagética ressalta a função estética do poema. No que diz respeito à recepção, ambas exigem o desenvolvimento de habilidades apreciativas, principalmente porque é uma produção que, pela sua natureza semântica aberta, gera grandes sortidos interpretativos.

Grupo I e suas relações com a leitura digital

O poema eletrônico é uma expressão literária recente, pois sua produção e ampla difusão dependem do aparato computador e da internet. Apenas na década de noventa começou a ocupar espaços no Brasil e nas instituições escolares, mas ainda carece de ser lembrado, como se constatou no decorrer desta pesquisa.

Inicialmente, apresentaremos os dados do grupo de Barra Velha (GRUPO 1) e, posteriormente, do grupo de Itajaí (Grupo 2). Dos vinte e três alunos do Grupo 1, jovens entre 15 a 16 anos, nenhum deles havia tido contato com a poesia visual ou eletrônica, o que gerou no grupo uma ansiedade pelas novas possibilidades dessa produção.

Pesquisador 5: *Você é aluna? Gostou do projeto?*

Aluna 9: *Sim, gostei principalmente da Poesia Virtual [...] porque nos mostra outras possibilidades literárias.*

Ao se depararem com a poesia visual e a eletrônica, ambas no computador, o grupo manifestou interesse em investigar suas semelhanças e/ou diferenças. Eles observaram que algumas poesias visuais, como as dos irmãos Campos, hoje se encontram disponíveis como poesias eletrônicas. A partir dessa constatação, passaram a investigar as suas diferenças, como podemos perceber nas falas a seguir:

Aluno 1: *Qual a diferença entre a poesia eletrônica e a poesia visual!?!?!?*

Pesquisador 1: *ah... então. tem algumas diferenças, mas coisas em comum também.*

Aluno 1: *Você pode me dizer algumas diferenças!!!?????*

Pesquisador 1: *Claro.*

[...]

Pesquisador 1: *Poesia eletrônica pode ser um simples poema colocado on-line.*

Aluno 1: *hum...*

Pesquisador 1: *Imagine, por exemplo, aquele poema "Minha terra tem palmeiras..." lembra?*

Aluno 1: *sim!*

Pesquisador 1: *Agora, imagine que a pessoa que o coloca online faz uns links entre as palavras e algumas imagens, de palmeiras, sabiás... etc. isso já o tornou uma poesia eletrônica [...] uma poesia "normal" tornou-se eletrônica com isso.*

Aluno 1: *mais ou menos...*

Pesquisador 1: *Agora, há outros poemas online, que possuem sons, as letras, as palavras, formam imagens [...] você pode manipulá-los às vezes...*

Aluno 1: *tá!*

Pesquisador 1: *e já existia poesia visual muito antes da poesia eletrônica.*

Aluno 1: *Vamos dizer que agora estou entendendo!! rsrrsr*

Pesquisador 1: *Já no século 17 haviam uns portugueses que brincavam com a tipografia nos poemas.*

O pesquisador 1 teve um papel importante no processo de construção de conhecimento acerca das diferenças entre a poesia eletrônica e visual, respondendo, questionando, intervindo adequadamente. Não está presente na fala do pesquisador uma posição apologética ou apocalíptica com relação à leitura em meio digital. Por meio desse diálogo, o pesquisador procura apresentar ao aluno a ideia de que, anteriormente à poesia eletrônica, muitos experimentos literários foram produzidos com o objetivo de explorar a função estética da poesia, evidenciando que “[...] a possibilidade de receber textos, imagens e sons no mesmo objeto – o computador – altera profundamente todo o relacionamento com a cultura escrita” (CHARTIER, 1999, p. 28).

Moran (2000), ao discutir acerca da necessidade de a escola integrar o computador como um dos recursos no processo de aprendizagem, enfatiza a importância de “[...] integrar as dinâmicas tradicionais com as inovadoras, a escrita com o audiovisual, o texto seqüencial com o hipertexto, o encontro presencial com o virtual”. (MORAN, 2000, p.140). O autor convida-nos a perceber a necessidade da inclusão de novas metodologias de ensino pelo professor, que privilegiam a inserção do aluno no mundo informatizado, possibilitando situações de leitura instigantes, fomentando a pesquisa e a formação de conceitos. A reflexão sobre o objeto de estudo leva o sujeito a querer mais, a formular proposições que indicam um raciocínio associativo e investigativo, como percebemos na seqüência.

Aluno 16: *Pelo que entendi a poesia visual pode ser eletrônica, mas a poesia eletrônica pode ser visual? Esclarece para mim essa dúvida [...].*

Uma lógica inquiridora leva o sujeito 16 a ampliar suas descobertas que são possibilitadas, em parte, pela postura que o seu interlocutor assume no *chat* e, em

parte, pela estratégia de ensino empregada durante os encontros: a leitura e a pesquisa. Ambas permitiram-no perceber que as poesias eletrônicas e visuais possuem características peculiares que as diferenciam. A inserção de sons, movimentos e formas transforma as poesias visuais em eletrônicas, estremecendo o conceito de poesia. A poesia visual quando atrelada à influência da tecnologia computacional, torna-se eletrônica, pois esta é poesia contemporânea formada de “[...] palavras, formas gráficas, imagens, grafismos, sons, elementos esses animados ou não, na maior parte das vezes interativos, hipertextuais e/ou midiáticos e constituem um texto eletrônico, um hipertexto e/ou uma hipermídia”. (ANTONIO, 2008, p. 114).

A tecnologia computacional pode, assim, contribuir para ampliar as práticas leitoras, assumindo um papel de destaque na formação de sujeitos que encontram afinidades com a leitura na tela. A novidade cativa-os pelas novas possibilidades literárias, mas é uma prática que não pode ser episódica, precisa estar aliada a outras que garantam o acesso ao texto.

Es preciso que la educación em general se adapte al nuevo entorno de múltiples «pantallas » y utilice técnicas e instrumentos hasta hace poço inhabituales. Sin abandonar la letra escrita y seguramente tampoco la pizarra tradicional, es necesario que las distintas fuentes de conocimiento aprendan a complementarse, y que las virtualidades que tiene la imagen se exploten en beneficio del uso de la razón. (CAMPS, 2009, p. 140).

Essa leitura possibilita ao sujeito leitor novas abordagens literárias e aproxima os que não gostam de ler. Chartier (1999, p. 27) enfatiza que “[...] o mundo dos textos eletrônicos também remove a rígida limitação imposta à capacidade do leitor de intervir no livro”. Essa intervenção pode impulsionar práticas leitoras, como podemos observar no diálogo a seguir.

Pesquisador 7: *Sou professora de Literatura e gostaria de saber sobre suas leituras.*

Aluno 22: *Leituras do projeto?*

Pesquisador 7: *Sim*

Aluno 22: *As únicas leituras que eu vi foram os textos das poesias eletrônicas que não são bem textos... achei bem legais elas porque não eram textos como os outros chatinhos de ler principalmente para quem não gosta de ler como eu.*

No decorrer do processo de exploração dos textos disponíveis nas bibliotecas digitais, procurou-se desenvolver as atividades de leitura por meio da pesquisa. Os alunos eram sempre instigados a procurarem respostas para suas dúvidas, os pesquisadores fomentavam dúvidas nos alunos para que eles investissem cada vez mais na atividade de pesquisa. Isso ficou perceptível em vários momentos no *chat* em que alguns alunos questionam, confrontam dados, buscam ampliar os conceitos acerca do texto literário, como podemos perceber a seguir.

Aluno 4: *Se eu imprimir uma poesia dessas animadas ela continua sendo eletrônica?*

Pesquisador 4: *Continua sendo visual mas perdeu seus recursos.*

Aluno 4: *então creio eu que a eletrônica só pode ser vista em um aparelho eletrônico...é uma boa diferença?*

Pesquisador 4: *Sim, por causa dos recursos, ela impressa pode perder muita coisa.*

Aluno 4: *Sim, mas muitas delas não tem muito sentido.*

O aluno questiona o pesquisador sobre a diferença entre poesia visual e eletrônica, procurando identificar as suas características. Essa atitude indica um acionar para as características deste objeto, a poesia em meio eletrônico, que pode levá-lo à formação de conceitos, representando um crescimento cultural.

Em outras falas dos alunos, percebemos a fragilidade de seu repertório literário assim como a ausência de intimidade com o texto. A pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* indica que a infância e a adolescência são os períodos em que as pessoas mais leem. Observamos, desta forma, não só a importância de a escola ser um espaço de promoção de leitura, de acesso ao texto, mas também de ensino acerca de como ler, possibilitando o desenvolvimento de habilidades de leitura. Cunha (2008, p. 13) identificou um quadro de má formação das habilidades necessárias à leitura em decorrência “[...] da fragilidade do processo educacional: 17% lêem muito devagar, 7% não compreendem o que lêem, 11% não tem paciência para ler e 7% não têm concentração”. Essa fragilidade inclusive é a responsável pelos alunos não dominarem, no ensino médio, os códigos literários e não conseguirem construir uma opinião acerca do lido, reservando-se a um comentário que indica apenas se gostaram ou não, sem identificar os motivos desse gosto.

Pesquisador 3: *Você gostou de participar do Projeto?*

Aluna 9: *Gostei principalmente da Poesia Visual.*

Pesquisador 3: *Nas poesias visuais o que mais te chamou atenção? Os recursos utilizados ou o conteúdo?*

Aluna 9: *Porque a Poesia Visual nos mostra as possibilidades literárias. Gostei da poesia Caligrama de Apollinaire, que são palavras em forma de cavalo.*

Como já afirmamos, a poesia visual e eletrônica exige do sujeito-leitor competências que diferem da leitura de poesias verbais impressas, pois ambas exploram a imagem à exaustão. Sabemos que a nova geração participa cada vez mais cedo desse universo tecnológico (cinema, TV, *internet*, *e-books...*), possuindo uma larga experiência na leitura visual. Partindo desse princípio, compreendemos o porquê da preferência dos alunos por esse gênero poético. No entanto, não podemos ignorar que a prática leitora é algo que vai se acumulando, aperfeiçoando-se pela própria prática, a qual permite que o leitor passe de um estágio de leitura para outro. Se há dificuldade em ler e interpretar no meio impresso, essa mesma dificuldade apresentar-se-á no meio eletrônico, como evidenciamos na fala a seguir.

Aluno 17: *[...] foram as poesias visuais sim com toda certeza, faltei algumas vezes, mas às vezes em que eu estava presente foi bem legal mesmo, gostei.*

Pesquisador 5: *Poesias visuais... você consegue interpretar bem?*

Aluno 17: *Não, achei meio complicado.*

Pesquisador 5: *ou foi muito difícil?*

Aluno 17: *mas é algo bem interessante apesar de não conseguir interpretar.*

Pesquisador 5: *Mas a prática vai ajudando assim como outras leituras.*

Aluno 17: *É, isso é verdade.*

Pesquisador 5: *Na tua idade não imaginava pegar qualquer poesia e entender. Hoje em dia é quase fácil.*

Aluno 17: *é quando eu comecei a ler algumas poesias não consegui entender nada mas outras alguma coisa consegui sim.*

Percebemos que alguns alunos já compreenderam que, com a poesia digital, as diferenças entre texto e imagem tornam-se relativas, que a visualidade do poema é um elemento que deve ser bem explorado e que a significação do poema se constrói mediante o estabelecimento de uma intimidade com os elementos poéticos. O entendimento de que a poesia visual está dissociada da palavra e possui um valor plástico, destituída do verso, interfere no processo de interpretação, que passa a ocupar-se de várias possibilidades daquele elemento

construtivo que se coloca ao leitor como uma pintura abstrata, e, por isso, pode ser percebida como a arte da participação, da ação.

Pesquisador 7: *Em Arnaldo Antunes, você leu que poemas?*

Aluno 19: *Assim eu não li os poemas eu tentava entender as figuras do Arnaldo Antunes, eu fiquei analisando aqueles pontos de interrogação podia ser várias coisas.*

Os signos ali expostos e suas significações dependem da superfície, da linha, da cor, elementos de visualidade que compõem um signo abstrato e o leitor nem sempre possui um referente que o auxilie a construir sentidos. O som e a imagem tornam-se um dado da escrita em um processo de recomposição da linguagem. Ao mesmo tempo em que essas características aproximam o poema de um internacionalismo semântico, o colocam em uma posição de marginalidade, principalmente no ambiente escolar, que prioriza a palavra porque esta está imbuída de um caráter utilitário.

Para o Grupo 1, cujo contato com esse tipo de produção literária ainda não havia se iniciado, nem no meio impresso, o que significa que também pouco conheciam da poesia concreta e de outros movimentos experimentais de vanguarda, houve uma simpatia pelo meio empregado na circulação do texto, que foi o computador, mas o meio por si só não oferece outras possibilidades de interpretação distintas do meio impresso.

Pesquisador 8:... *que bom... eu também... o que mais gostou de ler no site do Nupill?*

Aluno 3: *Gostei das obras como exemplos de intertextualidade e das poesias eletrônicas.*

Pesquisador 8: *E qual achou mais difícil de compreender?*

Aluno 3: *A poesia visual.*

A dificuldade de compreensão das poesias visuais pode justificar-se pela abertura de leitura que elas possibilitam, pois elas jogam com possibilidades plurais de sentido, permitindo amplas relações semióticas. O leitor é convidado a vagar pelo texto recolhendo indícios que o auxiliarão na construção de significações, sem contar, em muitos casos, com elementos verbais. O convite à construção aberta de contextos e ideias pode significar tanto uma dificuldade como uma facilidade na ressignificação do texto.

Pesquisador 7: *Você gosta de poesia?*

Aluno 21: *Gosto só que não tenho hábito de ler poesias...leio mais livros textos.*

Pesquisador 7: *Por quê?*

Aluno 21: *jornal :)*

Pesquisador 7: *Não é da sua época? Ou isso não tem a ver?*

Aluno 21: *Na verdade por falta de conhecimento...não tenho livros de poesia.*

Essa constatação reforça a necessidade das instituições de ensino fazerem uso do meio digital para fins literários e/ou artísticos. Beiguelman (2003) traz um universo abastado de *sites* que apresentam práticas culturais novas que redefinem a experiência de leitura, exemplificando o modo como os computadores modificam e ampliam tanto a leitura quanto a escrita. Se por um lado o computador pode ampliar e dinamizar a nossa experiência de leitores, ele pode, também, como vimos nas declarações dos alunos, iniciá-los nesse processo. Uma coisa é certa: a “[...] mudança no suporte físico da escrita força o leitor a ter novas atitudes e aprender novas práticas intelectuais” (CHARTIER, 1999, p. 28). Afinal, não adotamos a mesma prática de leitura diante de um manuscrito, um impresso ou um texto eletrônico.

Grupo II e suas relações com a leitura digital

Com relação ao segundo grupo, da escola de ensino médio de Itajaí, dos dezessete alunos, onze completaram as cinco etapas da pesquisa, já anunciadas no início deste artigo. Destes, cinco são homens e seis mulheres com dezessete anos de idade. A renda familiar de 82% das famílias desses alunos gira em torno de mil e quinhentos reais mensais, estando o restante abaixo dessa média. Apesar de a baixa renda, 82% possuem computadores conectados à *Internet*. Segundo dados revelados pelos questionários aplicados aos alunos, eles nos mostram que, quando se trata da leitura de literatura, dos onze sujeitos de nossa pesquisa, cinco não costumam ler, ou seja, 55% dos pesquisados. Os seis alunos restantes, metade, lê raramente, e a outra metade, uma vez por mês.

Observamos, desta forma, que apesar dos sujeitos da pesquisa possuírem computadores e terem tempo livre suficiente, pois apenas dois deles trabalham

meio período, eles não usufruem do seu tempo livre com leituras fruitivas. Tampouco identificamos qualquer envolvimento desse grupo de alunos com as artes que possa ajudar na sua formação estética, já que nenhum deles alegou participar de momentos culturais durante as horas de lazer. Esse perfil do grupo nos encaminha a discutir a necessidade de a escola preocupar-se com a formação de leitores. Esse grupo passou, no mínimo, dez anos nos bancos escolares e ao final deles não demonstrou qualquer envolvimento com a leitura.

A leitura de textos literários visa à sensibilização. Para Eco (2003), este bem imaterial, a literatura, é um bem cultural, e como tal ultrapassa a concepção de conhecimento - mais do que informar ela quer sensibilizar, sendo, pois, um objeto estético. Culler (1999, p. 40) aponta que “[...] uma obra literária é um objeto estético porque, com outras funções comunicativas, inicialmente postas em parênteses ou suspensas, exorta os leitores a considerar a inter-relação entre formas e conteúdos”, ou seja, a literatura precisa ser observada como arte pelas suas peculiaridades estéticas.

Ao colocarmos os sujeitos do Grupo 2 face a face com a poesia impressa, seis dos onze alunos deixaram-se seduzir, sendo um dos motivos mais divulgados as dinâmicas usadas, momento em que eles puderam lidar com poemas de forma interativa. Para Anastasiou (200-, p. 20), o professor necessita seduzir o aluno para que ele se relacione com o objeto de aprendizagem, e é criando um clima de compartilhamento e interatividade que esse relacionamento torna-se possível. Com as dinâmicas de leitura de poesias, abriu-se espaço para a sedução, conforme podemos observar nas falas a seguir:

Sujeito 1: Achei interessante a vinda do grupo Contarte aqui, pois nos trouxe novas experiências, e muito aprendizado, aprendi coisas que eu não sabia sobre poesia.

Sujeito 3: Pudemos interagir com a poesia de uma forma mais divertida.

Sujeito 5: Eu gostei, eu acho que deveria ter mais oportunidades pra nós fazermos isso de novo.

Sujeito 6: O jeito que o grupo apresentou foi legal com os poemas.

Sujeito 8: A forma como o grupo Contarte declamou ficou muito legal. Chama a atenção de uma forma diferente, envolvendo música sendo uma coisa que todos gostam [...] foi dinâmico e bem divertido.

Está explícito nas falas desses alunos o desejo pelo desacomodar do estabelecido, a abertura para o diferente, principalmente quando envolve outras linguagens. Há a expressão de sensações boas, como alegria, e a relação que eles estabelecem entre aprendizagem e diversão demonstra que, ao serem envolvidos com atividades em que o foco era a leitura de poemas de forma fruitiva, eles não só se divertiram, mas também se deixaram seduzir pelos poemas.

Nas dinâmicas de leitura que tinham como foco a poesia impressa, os alunos puderam aguçar seus sentidos para lidar com os poemas, ou seja, puderam olhá-los, lê-los, ouvi-los acompanhados de música, ouvi-los sem música. Dessa forma, puderam internalizar os poemas apreciando-os, sem se preocupar em desvelar seus significados.

Além de seduzidos, o grupo demonstrou ter mudado a forma de pensar a poesia, pois a viam apenas como um objeto de temáticas amorosas e melancólicas, sem a perceber como arte, conforme revelado nas falas que seguem:

Sujeito 1: Com as aulas que nós tivemos sobre poesia, eu mudei um pouco o conceito que eu tinha, pois pra mim poesia era algo só relacionado com amor, e agora eu pude perceber que existem vários outros temas de poesia [...].

Sujeito 8: Não gosto de poesia, mas como eles contaram ficou de um modo que saiu dos costumes e das ideias que eu tinha do que se chamava poesia.

Sujeito 10: Pensava que poesia era coisa de bobo apaixonado, mas até descobri que poesia serve para manifestar algo, serve até como um passa tempo.

Nesses relatos, percebemos que o grupo refletiu sobre o conceito de poesia, pois a viam anteriormente apenas como forma de expressar o amor. A mudança de concepção percebida nas falas dos sujeitos foi consequência da vivência que se possibilitou aos alunos por meio do Sarau Literário e, também, pela oficina

literária promovida após a *performance* do grupo X. O professor chamou os alunos para o texto explorando as dimensões cênicas da sala de aula, isto é, propondo dinâmicas de leitura que envolviam a leitura em duplas, em grupos, em movimento pela sala, sussurrando, em coro. Esse movimento possibilitou que os alunos transitassem da apreciação do texto à sua interpretação e à sua análise, pelo viés artístico. Para Duarte Jr. (2001), experiências com obras de arte não devem restringir-se apenas a contemplação, mas sim a um estabelecimento de uma relação de sentidos entre obra de arte, realidade e os cinco sentidos: visual, tátil, auditivo, olfativo e gustativo.

Em se tratando da leitura de poesia eletrônica, observamos que, apesar de os jovens estarem constantemente fazendo uso dos meios tecnológicos, o computador como um suporte de leitura é muito pouco usado. Os alunos revelaram desconhecimento dessa diferente forma de se apresentar poemas, como mostram algumas das falas a seguir:

Sujeito 8: A poesia eletrônica eu gostei, não conhecia esse método ainda.

Sujeito 10: [...] descobri que poesias podem ser vistas no computador com muitas luzes e com palavras que não fazem sentido.

Sujeito 1: [...] agora eu pude perceber que existem vários outros temas de poesia, além de poesia não existir apenas no papel, e sim pode ser de outras formas, como as que nós vimos no computador.

A poesia em meio eletrônico possui características como a dinamicidade, a exploração de imagens, o uso de palavras que permitem uma interpretação plurissignificativa, fazendo com que o estudante sinta-se mais seduzido, dando-lhe uma chance de ingressar no mundo da cultura por meio de uma porta íntima e bem conhecida: o computador. Ao navegar pelos poemas eletrônicos, alguns sujeitos foram seduzidos por essa outra forma do fazer poético, percebendo sua dinamicidade e deixando marcas de um interesse que pode ampliar a experiência.

Sujeito 1: Espero ter mais oportunidades de cada vez conhecer mais sobre poesia, o que eu mais me interessei foi a poesia eletrônica.

Sujeito 5: Eu gostei eu acho que deveria ter mais oportunidade pra fazermos isso de novo.

Muito se tem cogitado a respeito da afinidade que o jovem tem com as ferramentas multimídias. No entanto, o Grupo 2 revelou não conhecer a poesia em meio eletrônico e ter pouco contato com a visual (impressa e/ou eletrônica). Ao trabalharmos com imagens que nos conduzem à construção do texto literário, como é o caso da poesia em meio eletrônico, abstraímos as marcas do mundo em que vivemos. O leitor opera a interpretação de textos verbais e não verbais e constrói outros textos e imagens próprias. Esse processo permite a ampliação de sua percepção do mundo narrado e, conseqüentemente, de sua capacidade inventiva. Além disso, a forma como o poema é apresentado encaminha o leitor a pensá-lo como um objeto a ser fruído, apreciado, como podemos perceber nas falas dos sujeitos 1 e 11 a seguir:

Sujeito 1: [...] aprendi coisas que eu não sabia sobre poesia. Nos levou a ver que a poesia também é uma forma de arte, ou seja, a forma de expressar seus sentimentos em algo, no caso no papel, ou em uma imagem.

Sujeito 11: [...] seja onde for a poesia pode ser lida, interpretada, tocada, sejam com suas letras ou imagens, ela pode ser apreciada por todos; poesia é arte e também cultura.

A concepção da literatura como arte muda radicalmente a forma como o texto literário é escolarizado, uma vez que o objetivo do poema não está na mensagem a ser claramente expressa, mas justamente nas percepções que ele consegue mobilizar no leitor, por meio do sensível e do inteligível, as quais dependem também das práticas leitoras dinamizadas em sala de aula. Mesmo quando a poesia não faz sentido para o leitor, ela mobiliza diversas funções, entre elas a cognitiva. Quando o leitor não consegue estabelecer muitas relações intertextuais, a riqueza da relação entre sujeito e objeto pode estar nessa ausência de significados e na constatação de seu conteúdo imprevisível.

Segundo Barthes (2010), a fruição é um processo que desconforta, que enfada, porque ela tira o leitor de sua margem de conforto, desestrutura o padrão de normalidade, coloca-o em estado de perda, pois exige dele uma atitude investigativa. Uma crise de valores é, assim, instaurada - diante do objeto artístico o leitor pode encontrar vozes dissonantes que lhe causam repulsa,

estranhamento. As falas a seguir mostram essa relação de desconforto entre sujeito e objeto:

Sujeito 3: [...] algumas poesias não me chamaram muito a atenção por aparentemente não fazerem muito sentido.

Sujeito 6: Os poemas da apresentação são um pouco estranhos no meu ver, pois eu não sou muito fã de poemas, por esse motivo, por não conhecer bem os poemas não gostei muito.

Sujeito 7: [...] é muito chato falar sobre poesias e como elas podem ser feitas e entendidas, ou seja, eu não gostei dessas aulas porque a poesia não me inspira e eu não entendo elas.

A fruição leva a muitos caminhos e o leitor pode se sentir afetado ou não pela obra deflagrando-se um movimento de indiferença ou intimidade. Por meio dela, há o cotejamento de textos, de verdades, de leituras que se multiplicam, se contrapõem e se completam. O estranhamento causado pela leitura de poemas impressos e digitais é um indicador da necessidade de se ampliar os hábitos de leitura e de desenvolver práticas leitoras mais eficientes. Segundo Barthes (2010), o leitor, ao operar a passagem do texto de prazer para o texto de fruição, coloca-se em uma posição de desconforto porque o primeiro possibilita a leitura fácil, progressiva, que indica uma leitura voraz, que quer alcançar o fim. Já o segundo exige maior atenção do leitor, pois ele é construído de forma a deixá-lo à deriva, por vezes sem respostas. Há momentos que um poema não faz sentido porque está aberto para que o leitor faça uma proposição de construção de sentido, havendo alunos que não estão preparados para essa dinâmica que exige o confronto de ideias.

Ao serem questionados a respeito da sua preferência pelo aparato textual de leitura, todos os sujeitos da pesquisa manifestaram predileção pela poesia impressa, apesar de sete dos onze alunos, em seus memoriais, trazerem falas que revelam uma ativação de sua percepção em relação à poesia eletrônica, dentre elas:

Sujeito 1: Espero ter mais oportunidades de cada vez conhecer mais sobre poesia, o que eu mais me interessei foi a poesia eletrônica.

Sujeito 2: Eu achei muito mais interessante ler poesia no papel do que na internet, pois é bem difícil alguém parar na frente do computador para

ler poesias. Só que na internet tem vantagens por a poesia ser animada e poder ter movimentos. Com certeza essas duas aulas abriram minha mente sobre poesia.

Por meio dos memoriais, podemos observar que a falta de conhecimento prévio é um fator de inibição para tentar o novo, já para outros, é um fator de impulso. Nas falas acima, os sujeitos 1 e 2 manifestam interesse pela poesia eletrônica justamente porque ela apresenta-se como novidade. Já a fala do sujeito 11, a seguir, apresenta a poesia digital como um enigma a ser decifrado e, também, a associa a um texto que faz refletir.

Sujeito 11: [...] os vários tipos de poesia, a escrita, nos faziam refletir sobre algo, seja pensar sobre amor ou tentar decifrar os “enigmas” da poesia digital. Enfim seja onde for a poesia pode ser lida, interpretada, tocada, sejam com suas letras ou imagens, ela pode ser apreciada por todos [...].

Podemos perceber nesses sujeitos que, ao serem apresentados à poesia eletrônica, uma reação de aproximação foi estabelecida. O manuseio da pluralidade de recursos em meio eletrônico - imagens, sons, mensagens verbais -, percebida pelo sujeito 2 - “Só que na internet tem vantagens por a poesia ser animada e poder ter movimentos” -, oferece ao jovem leitor uma gama de objetos à espera de exploração, e é nessa exploração que ele será capaz de perceber que arte também pode ser encontrada em um ambiente virtual, mas real perante o mundo que o cerca.

Algumas considerações

Conhecemos pela arte. Podemos conhecer-nos melhor como docentes pela arte. Abrir-nos educandos (as) e educadores (as) à pluralidade dos jogos de linguagem e à multiplicidade de vozes pode ser uma didática de abertura e uma compreensão mais rica da realidade.
(ARROYO, 2008, p. 129)

Arroyo (2008), no artigo *Uma celebração da colheita*, faz uso do filme *Madadayo* para discutir aspectos da docência, em especial acerca das competências necessárias ao professor do século XXI. O autor, sobretudo, fala de uma estética do magistério por ele conceituada como “um saber-fazer carregado de dimensões artísticas, poéticas” (ARROYO, 2008, p. 126), que implica em perceber a arte

dissociada de uma visão utilitária, didática. Seu artigo é um convite a recuperarmos a sensibilidade perdida na arte de educar, apontando a literatura e o cinema, entre outras artes, como uma das linguagens que pode reeducar os sentidos, invocando a necessidade de a pedagogia dialogar com as artes, sem fazer com que esta última seja sempre portadora de temas e didáticas.

Neste artigo, ao analisar se os jovens do ensino médio são leitores de textos literários disponíveis em meio digital, buscamos evidenciar que a leitura do literário necessita ter seu estatuto de arte respeitado, mesmo quando lidamos com jovens que estão nos últimos anos do ensino médio, na porta da universidade.

Potencializar o poema através da sua visualidade corresponde a uma nova atitude poética. Ao observarmos o depoimento de alguns poetas que experimentam novos suportes para a criação poética, como Fernando Aguiar (2010), percebemos que a busca de novas linguagens para a poesia e a exploração da visualidade do poema, para além da poesia verbal, redefinem as experiências e os lugares de leitura. O uso do computador valoriza o poema como objeto estético, e, nesse sentido, a tecnologia é uma ajuda à expressão poética.

Ao analisar as relações que os alunos estabelecem com a literatura digital, constatamos que as primeiras impressões acerca do poema visual e eletrônico podem manifestar-se de forma desconcertante, pois, apesar de o primeiro já fazer parte da cultura da leitura desde a década de 1950, a proposta de leitura apresenta-se, normalmente, em um jogo de negações que impede qualquer mero transporte de sentidos, exigindo mais do que um olhar *voyeur*. Beiguelman (2003) traz à tona algumas questões relativas à leitura digital, dentre elas a dificuldade de o leitor construir sentidos, quando este não consegue pautar-se em uma semiótica restrita às relações de contiguidade e semelhança. Em outras palavras, a autora convida-nos a pensar sobre as oportunidades de leitura que o texto digital oferece-nos distanciadas das ligações diretas que efetuamos no ato de significar, para que não atrofiemos nossa aptidão para pluralizar os sentidos nem

bloquear o exercício de construção, que se mostra a nós por meio do estímulo e do cruzamento das novas linguagens visuais de forma aberta e pluridimensional.

Na contramão das associações diretas promovidas pela escola no processo de leitura e interpretação do texto literário, as quais são responsáveis por nossa capacidade atrofiada de perceber o texto como um universo aberto e poroso, a poesia em meio eletrônico coloca-nos frente a práticas leitoras construídas por meio de intersecções entre as linguagens que nos fazem “[...] pensar em outras formas de leitura que não sejam pautadas por uma semiótica restrita” (BEIGUELMAN, 2003, p. 20).

Os diálogos dos alunos com os pesquisadores e suas reflexões acerca das experiências com a poesia impressa e em meio eletrônico trouxeram à tona uma realidade que precisa ser amplamente discutida que é a atitude do professor de língua e literatura quanto à formação de leitores no ensino médio. Um aluno de terceira série já passou mais de onze anos na escola, e, por meio destas pesquisas, constatamos que sua experiência de leitura de impressos é tão rasa que dificulta qualquer aproximação com o texto. A escola ainda o mantém à margem do processo educativo, pois a leitura, estratégia fundamental para apropriação do conhecimento e construção do sujeito reflexivo, ainda não é entendida como forma de apropriação do mundo. Dos trinta e quatro estudantes participantes das pesquisas (23 do grupo 1 e 11 do grupo 2), nenhum deles era leitor de bibliotecas digitais, nenhum conhecia a poesia visual nem a eletrônica e muitos se revelaram não leitores.

É indiscutível a importância do ato de ler. É por meio da leitura que criamos opinião, que mudamos de opinião, que aceitamos diferentes pensares, percebendo o outro como um ser pensante, porque também nos tornamos seres pensantes. A imaginação e a criatividade podem ser estimuladas por diversas vias, uma delas pelo exercício da leitura de obras literárias, o qual influencia não só em nossa capacidade comunicativa e criativa, mas também no desenvolvimento de nossa sensibilidade e percepção estética.

O contato com a poesia visual e eletrônica pode ampliar a concepção do leitor acerca do movimento que envolve o ato de ler, assim como auxiliar a compreensão de literatura como arte, como fruição ou como produção, porque a visualidade presente nesse material promove uma experiência sensível. Essa percepção da obra como objeto estético é importante porque ela influencia diretamente na relação que o leitor estabelece com o texto.

Um universo enorme de textos vem sendo, dia a dia, disponibilizado nas bibliotecas digitais. A mobilidade e a maleabilidade dos textos eletrônicos podem seduzir o aluno e o iniciarem nesse universo porque é uma tendência comprometida mais com a arte do que com a pedagogia. Apesar de o livro ser percebido como objeto e instrumento de trabalho intelectual, o contingente de leitores ainda é precário.

A revolução da leitura não se dará por meio de novos recursos, mas pela mudança de comportamento da escola frente ao livro, frente ao texto literário que não pode aparecer apenas como uma condição de instrumentalidade, que se pauta pela ótica do pragmatismo, pelo seu valor utilitário, mas um movimento de percepção das funções estéticas que o texto literário propõe.

**LITERARY DIGITAL TEXT:
ART AND TECHNIQUE IN A COMBINATION OF SENSES**

ABSTRACT: This article presents the results of two surveys conducted in public high schools of secondary education in Santa Catarina, both with the aim of analyzing whether the students are readers of literary texts available in digital media, especially texts that are part of the collections of digital libraries, in order to identify these students' conception of poetry before and after they had contact with electronic poetry, and the relationship they established with literature when it was presented to them through the computer. The first survey was carried out with 23 students of the third grade in a state school in Barra Velha. The data collection took place in eight 50 minute meetings and ended with a chat between research subjects and researchers from partner institutions. The second study involved a group of eleven students of the third grade of a state school in Itajai. The data collection occurred through memorials produced by the subjects after they experienced printed, visual and electronic poetry. Content analysis was used to identify the repertoire of the students, their reading practices and how they relate to literary texts available in digital media. The two surveys indicated that these were the first opportunities of reading visual or electronic poetry for 100% of the participants. Moreover, due to their rare reading experiences of

printable materials, neither of these students was considered a reader, pointing to the need to expand also readers' training programs to the secondary school.

KEYWORDS: Electronic poetry. Visual poetry. Reading. Literature. Readers' training.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa da Graças Camargos. **Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem.** [200-]. Disponível em: <<http://www.fcf.usp.br/Ensino/Graduacao/Disciplinas/Exclusivo/Inserir/Anexos/LinkAnexos/CAP%C3%8DTULO%201%20LeaAnastasiou.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

ARROYO, Miguel. Uma celebração da colheita. In: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel Lopes. **A escola vai ao cinema.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

AGUIAR, Fernando. Entrevista. **Revista Contrapontos**, v. 10, n. 3, UNIVALI, 2010.

ANTONIO, Jorge Luiz. **Poesia Eletrônica:** negociação com os processos digitais. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto.** Tradução J. Guinsburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva. 2010.

BEIGUELMAN, Giselle. **O livro depois do livro.** São Paulo: Peirópolis, 2003.

CAMPS, Victoria. La educación en medios, más allá de la escuela. *Comunicar*, n. 32, v. XVI, 2009. **Revista Científica de Educomunicación.** p. 139-145.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, M. (Org.). **Leitura, história e história da leitura.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESC, 1999.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária:** Uma Introdução. Tradução Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais LTDA, 1999.

CUNHA, Maria Antonieta da. **Acesso à leitura no Brasil:** considerações a partir da pesquisa. In: Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. 2. ed. Instituto Pró-Livro. 2. ed. Instituto Pró-Livro, 2008.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2001.

ECO, Umberto. **Ensaio sobre a literatura.** São Paulo: RCB, 2003.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. **Revista Informática na Educação: Teoria & Prática**. Programa de pós-graduação na Informática na Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 3, n. 1. Porto Alegre, 2000.

NEITZEL, Adair de Aguiar. **O jogo das construções hipertextuais**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Itajaí: Ed. da Univali, 2009.

POMPÉIA, Raul. **O ateneu**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

PONTES, Hugo. **Poemas Visuais e Poesias**. 2. ed. São Paulo: Dix Editorial, 2007.

Texto recebido em 31/10/2013.

Texto aprovado em 29/11/2013.